

# A R E G E N E R A Ç Ã O

AVENÇA

Semanário regionalista e cultural

Director Literário—Dr. João Tendeiro  
Composto e Impresso na  
Tip. Figueiraense—Figueiró dos Vinhos

Director, Editor, e Proprietário:

Doutor Manuel Simões Barreiros

Redacção e Administração:

Rua Major Neutel de Abreu

FIGUEIRO DOS VINHOS

(Desde a descoberta até à industrialização)

5

Além dos jazigos de radium portugueses, de que adiante nos occuparemos, conhecem-se minerais radiferos na Rússia, no Brasil, em Madagáscar, na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Checo-Eslováquia, no Congo Belga e no Canadá, sendo no entanto estes dois últimos países os mais importantes produtores.

Em Cornwall, no País de Gales, a mina de South Terras foi descoberta em 1878, começou a trabalhar em 1887 para a preparação do urânio, e, desde o ano de 1914, também para a obtenção do rádio, continuando ainda em laboração em 1924. O valor do rádio extraído nesses 10 anos totalizava 3000 mil libras.

Nos E. U. A., em Denver no Estado de Colorado e no de Utah, começou em 1913 a extrair-se minério com vista à produção de rádio, a qual era realizada em Pittsburgh; os trabalhos estenderam-se pelos anos de 1914 e 1915. A Radium Chemical Company, produziu nesse intervalo 27 gramas de rádio.

Na Boémia os mineiros de St. Joachimstahl foram tratados desde 1910, produzindo somente 1 a 2 gramas de rádio por ano. Foi com os minérios destes jazigos que os esposos Curie realizaram as laboriosas experiências que os conduziram à descoberta daquele precioso metal.

No ano de 1913 encontraram-se ricos depósitos no Congo Belga. Teem sido explorados por uma companhia chamada Radio Belge que tem as suas instalações de redução em Ooten na Bélgica, e fornece até 1937 95 % do rádio necessário no mundo para as diversas applicações.

As minas da Eldorado Gold Mines, no Canadá são as mais recentes e as mais importantes actualmente. Foram descobertas em 1930 pelo geólogo francês Gilbert La Bine, que é hoje o director da companhia exploradora, e estão situadas no Lago do Urso Grande, no círculo polar ártico. Em virtude da grande distância dos jazigos aos centros abastecedores de matérias primas para o tratamento químico (cada tonelada de minério concentrado exige 7 toneladas de reagentes químicos) verificou-se ser mais económico submeter primeiramente o minério a uma concentração hidro-mecânica e transportar depois os concentrados (por avião e navio na região dos grandes lagos) a 4.000 milhas da mina, para a oficina de tratamento químico instalada em Port Hope, Ontario, junto ao Oceano Atlântico.

O que é o trabalho nessas regiões inacessíveis às comunicações durante parte do ano, com temperaturas de muitos graus abaixo de zero, pode difficilmente imaginar-se, embora a mina esteja apetrechada com a maquinaria mais moderna, utilizando mesmo a energia fornecida por óleos combustíveis de jazigos próximos.

André Valmar

O homem futuro pode não ser escravo da máquina, não o ser da terra, não o ser do homem, não o ser de si-mesmo — das suas necessidades vitais que não se compadecem com a liberdade. — Alvaro Salema.

## Racionamento

O fim do racionamento é poupar — evitando a prodigalidade; assegurar a saúde — evitando a fome. A prática é já seguida há meses em alguns concelhos do País, que mais uma vez deram o exemplo da compreensão e resolução dos problemas. Mas o plano tem de ser alargado. As limitações inevitáveis de gastos aconselham a progressiva extensão do processo, para que ao País não falte nunca aquêle mínimo de subsistências indispensável à saúde da raça. O problema está em estudo. E' preciso que todos se compenem na responsabilidade que a cada um cabe de infermar com verdade os organismos públicos. Sem isso não poderá organizar-se um cadastro fidejoso.

Dessa solidariedade necessária depende, afinal, o bom funcionamento e eficiência do sistema, e, como reflexo, uma melhoria nas condições da vida da Nação.

## Festa da Senhora da Graça

Com desudado brilho realizou-se no passado dia 9 a festa em honra de Nossa Senhora da Graça, em Campêlo.

Esta festa, a quem a comissão dedicou toda a sua actividade, foi abrilhantada pela Banda Municipal e pelo grupo os "Zé Pereira", de Castanheira de Pera.

## Manuel António dos Santos

De visita ao nosso director dr. Simões Barreiros, esteve nesta vila, no próximo passado domingo, o sr. Manuel António dos Santos, distinto Sub-Inspector de Finanças e nosso prezado amigo.

Na passada quarta feira concluiu as inspecções em Pedrógão Grande seguindo para o concelho da Lousã.

## António Andrade

Por falecimento de seu ex-mo pai, encontra-se de luto o nosso querido amigo sr. António Andrade, illustre chefe de Finanças deste concelho, — a quem endereçamos os nossos sentidos pésames.

## Francisco Pires

Encontra-se na Várzea Redonda, de visita a seus pais, o sr. Francisco Pires, distinto Tesoureiro da Fazenda Pública em Cascais.

Este nosso amigo e colaborador fez já concurso para tesoureiro de primeira, sendo o primeiro classificado e vai dentro de breves dias ser colocado numa tesouraria de primeira classe.

## Fonte de Campêlo

Fica hoje concluída a fonte de Campêlo, composta de dois fontenários: um junto do adro e o outro no lado de lá, na povoação propriamente dita.

Esta obra de altíssima importância para Campêlo, só agora foi levada a efeito.

E dizendo só agora, queremos-nos reportar à época do Estado Novo — pois na outra não vale a pena falar — porque o problema de abastecimento de água potável a Campêlo, não foi tarefa fácil.

Há já bastantes anos que a Câmara do Estado Novo encareceu a sério a construção duma fonte em Campêlo, mas dificuldades de exploração e captação de água boa, fê-la obrigar a mais do que uma tentativa, que falharam.

Só ultimamente, com a construção da Estrada Municipal, se conseguiu descobrir água potável em quantidade e também em quantidade.

Foi o caso do velho adágio: — com uma cajadada, mataram-se dois coelhos.

E assim foi de facto. Campêlo fica com uma esplêndida estrada macadamizada e duas fontes, feitas à custa da Câmara e dos Melhoramentos Rurais.

Duas obras, qual delas a melhor a cuja falta se fazia sentir acentadamente, mas que só agora, a Câmara do Estado Novo, a política de Salazar, consegue levar a efeito.

E como é diferente o conceito entre a antiga política, a política demoliberal, e a de hoje.

Outrora havia uma preocupação permanente e absecadora: conquistar votos. E para isso os caciques passavam o tempo a fazer favores pessoais. Mais nada os preocupava.

Aperrados à ideia predominante, do que o favor pessoal é retribuído e jámais esquecido, cultivavam a política, como se tratasse duma propriedade rústica de bom rendimento.

Assim se viveu durante os últimos tempos da monarquia, assim vivemos durante a época demoliberal. Felizmente que os tempos mudaram.

Acabou-se duma vez com o caciquismo, acabaram os falsos políticos, de repente mercê duma nova concepção, surge uma política de realizações, de actividade prática, de interesse para os povos.

Esta política do Estado Novo, o concelho de Figueiró, tem-na, como pousos, sentido e colhido os seus melhores frutos.

Assim Campêlo vê realizado o sonho de há 40 anos: uma estrada nova e duas fontes.

Durante todo este longo período de tempo lutou se, pediu-se, mas em vão.

Só agora, no tempo do Estado Novo, é que se conseguem estes dois melhoramentos, que são, sem dúvida, as aspirações máximas do povo de Campêlo.

E consegue-o, diga-se, por ser verdade, porque um homem compreendeu as suas necessidades e, indo de encontro a elas, satisfê-las.

Levou algum tempo, é certo, a realizar essas obras mas é facto que os outros passaram 40 anos a enganá-los.

Há diferença, pois, entre a política antiga e a nova; é perfeitamente oposta, daí o povo já hoje dizer: antigamente pagávamos e não viamos obra alguma, hoje, felizmente, pagamos, mas vemos obras úteis por toda a parte do nosso concelho.

## Mês de Maria

Como habitualmente e com grande concorrência de fiéis vindos de todos os pontos da freguesia, realizam-se todas as noites, desde o dia 1 do corrente, as solenizações religiosas do mês de Maria. No último domingo do mês, 30 de Maio, haverá a procissão da Senhora de Fátima, que percorrerá as principais ruas da vila ao som de marchas religiosas executadas pela Banda Municipal.

## Música! Música!

As tardes e noites primaveris, prenunciadoras de calma do verão, inclinam o espírito para o devaneio, para a poesia, para a música... Os bancos do Jardim, junto do coreto, parecem igualmente convidar-nos para nos deliciarmos com a audição de qualquer harmoniosa melodia...

Mas quando diabo se resolve a Banda Municipal a oferecer-nos alguns concertos públicos?

## Licenciamento de tropas

O Ministério da Guerra, no intuito de colaborar com o Ministério da Economia na resolução do problema da escassez da mão de obra que presentemente está preocupando a lavoura, devido ao incremento dos trabalhos agrícolas na época das ceifas, vai determinar o licenciamento, durante algumas semanas, de recrutas presentemente em instrução e de grande número de praças em serviço nas fileiras, fazendo parte dos quadros permanentes do exército.

Calcula-se que da applicação desta medida resulte libertação para o trabalho nos campos de mais de 30.000 homens.

## Uma riqueza de Leiria: O Pinheiro

No dia 26 do corrente, pelas 21,30 horas, realiza uma conferência na sede da Casa do Distrito de Leiria, Rua Nova da Trindade, 18, o distinto publicista António Vitorino, que dissertará sobre «O Pinheiro, como valor industrial e económico, e ainda sob o ponto de vista social».

A sementeira, o desenvolvimento, o tratamento, o aproveitamento desta magnífica árvore e dos seus produtos serão tratados pelo conferente, que tem sobre esta riqueza do Distrito de Leiria, vastos conhecimentos.

Agradecemos a gentileza do convite.

Este jornal foi visado pela Comissão de Censura

(Continuação da 6.ª página)



### notícias do concelho

#### Aguda

##### Casamento

No próximo passado dia 25 realizou-se o enlace na capela do lugar de Almofala de Baixo, desta freguesia, do sr. José Gordalina de Oliveira, filho do sr. Agostinho Diogo de Oliveira e da sr.ª Maria de Oliveira Gordalina, da cidade de Leiria, com a sr.ª Luiza de Oliveira Finza, filha do sr. António Pereira Patrício e da sr.ª Maria de Oliveira do lugar do Bairro desta freguesia.

Aos noivos, endereçamos as nossas sinceras felicitações pelo seu novo estado, augurando-lhes um futuro ridente de prosperidades.

##### Desastre

— Justina de Jesus, de 85 anos, do lugar do Casal de S. Simão, desta freguesia quando

se dirigia para uma sua propriedade, no referido lugar, caiu por uma ribanceira e recebeu ferimentos de tal gravidade que lhe produziram a morte.

##### Falecimento

— Faleceu nesta vila o sr. Manuel Batista, casado com a sr.ª Julia da Conceição Godinho e pai dos srs. João Batista, desta vila e Casimiro Batista, funcionário publico em Coimbra.

O extinto que era dotado das melhores qualidades, deixa muitas saudades em todas as pessoas que com ele conviviam.

O funeral que se realizou para o cemitério desta vila, foi uma verdadeira manifestação de pesar tendo-se incorporado no mesmo inúmeras pessoas.

A toda a família enlutada apresentamos as nossas condolências.

### FALECIMENTO

Caiu a um noco do quintal da sua residência, em Cantanhede, o sr. José Luiz Maria de Andrade, antigo secretário da Administração.

Prontamente socorrido pelos bombeiros Voluntários, o sinistrado, com poucos sinais de vida, foi conduzido ao hospital daquela vila, onde faleceu pouco depois a pesar dos porfiados esforços de quatro médicos.

O extinto, que era pai do nosso amigo sr. António Andrade, digno chefe da Repartição de Finanças de Figueiró dos Vinhos, e dos srs. Almiro de Andrade, oficial de Finanças em Coimbra, e Alberto de Andrade, sócio da Construtora de Cantanhede, L.da deixa muitas saudades pelas suas excelentes qualidades pessoais.

A família enlutada, os nos-

Na Igreja de S. Sebastião da Pedreira, da Capital, realizou-se com grande pompa, no passado dia 15 do corrente mês, o enlace matrimonial da menina Maria Adélia Lourenço Alves, interessantíssima e prendada filha da sr.ª D. Adélia de Jesus Maria Lourenço Alves e do industrial de Lisboa sr. António Lourenço Alves, com o nosso brilhante colaborador e ilustre vogal da Câmara Municipal do nosso concelho sr. Mário Deniz Ferreira, filho da sr.ª D. Palmira Deniz Ferreira e do nosso particular amigo sr. Francisco Rodrigues Ferreira, importante armazenista de lanifícios, desta praça.

Foram padrinhos da noiva o industrial de Lisboa sr. Carlos Rireiro Ferreira e sua ex.ma esposa, e do noivo a ex.ma sr.ª D. Maria Assunção Nunes Agria Deniz de Carvalho e seu esposo, o nosso presado amigo e assinante sr. dr. João Deniz de Carvalho, ilustre notário em Figueiró dos Vinhos.

Após o acto, foi servido um magnífico copo de água, após o qual os noivos seguiram em viagem de núpcias para o Estreito.

«A Regeneração», que à pena do sr. Mário Deniz Ferreira deve belas colunas de evocação do Figueiró antigo, deseja aos noivos uma vida cheia de mil felicidades.

**CASÁ** Nesta vila, à Fonte das Freiras, arrenda-se um primeiro andar, com instalações de água e electricidade, varanda, quintal e lojas.—Trata Carlos Lacerda.

**Caminhos de Lirismo**, apontamento de Mário Mota. Depositária: Livraria Latina Editora. Porto, Inverno de 1942.

Na esteira de dois outros jovens, Mário Mota concorre com este apontamento para o esclarecimento da obra do poeta e prosador comendador João Maria Ferreira.

Não conhecemos esta obra, — e não podemos portanto avaliar até que ponto são justas e justificativas as razões que levaram a esta extensa bibliografia crítica e homenageadora (no caso presente, mais homenagem do que crítica), que compreende já três livros. Do mesmo modo, não temos os dois primeiros: o de J. Vernex e o de Octávio Rodrigues de Campos. E, ainda, sobre tudo isto, a leitura dos fragmentos que Mário Mota nos apresenta na *Antologia*—certamente por infelicidade de escolha — não permitem avaliar a justeza da consagração, ao mesmo tempo que indicam da sua parte uma dose deminuta de sentido crítico.

Uma antologia é, necessariamente, uma colectânea de trechos escolhidos, não só no que diz respeito a valor literário—e tanto assim que quando se fala numa obra de valor se lhe chama página de antologia— como à forma característica do autor. Justo era, portanto, que, da obra de João Maria Ferreira, apparecesse coisa de evidente valia. A nota bibliográfica referente aos seus escritos é variada e extensa como variados têm sido os elogios que, a ele, vimos em letra de forma. Pois o que nos dá a dita *Antologia* é mediocre: uns artiguinhos de jornal, e uns sonetos, quasi todos votivos a determinadas personalidades, e demasiadamente descritivos para serem obras de arte. Parece que se quis amesquinhar a obra do poeta comendador João Maria Ferreira...

Se como obra de crítica é infeliz, como livro de prosa sem intenções, *Caminhos de Lirismo* representa um avanço nas possibilidades de Mário Mota. A prosa é castiça, e caracteriza-se por aquelas frases de que tanto gosta de tirar efeitos. Pena é que appareçam aqui e ali uns traços muito acentuados de vaidade, que por enquanto nada justifica, e termine indecemente com uma transcrição duma nota da revista brasileira: *Vamos Ler* sobre um livro de... Mário Mota.

Por outro lado, para o poeta modernista M. M., o jovem das realizações arrojadadas e estravagantes—o poema impresso em três tábuas é um exemplo—a consagração em livro do poeta-comendador João Maria Ferreira, por muito valor que tenha dentro da sua corrente estética, representa mais do que um retrocesso: é uma traição inqualificável a tudo quanto tem escrito e poetado. E as traições nunca honraram ninguém...

João Tendeiro

NOTA: — Por falta de espaço, deixamos para o próximo número algumas referências que prometeramos para este. As nossas desculpas.

### Guia Profissional do Distrito de Leiria AVISO

Avisam-se tódas as casas comerciais e industriais do Distrito de Leiria, de que não devem reconhecer como empregado do Guia Profissional do Distrito de Leiria, Francisco Correia, que foi empregado desta Empresa, e que nada tem já com esta publicação.

O Director

## O DESAFIO

CONTO por H. LOPES DE MENDONÇA

II

2 Sáfa recordava-se do triste regresso: os batalhões dizimados, fugindo com arremedos de triunfo, protegidos pelas chamas e pelo fumo espesso dos próprios entrancheamentos, e saudados de longe pelos alaridos e pelas apupadas ultrajantes dos cristãos. Lembrava-se sobretudo da entrada dos homens de Azamor, trazendo à frente o alcaide Cabus, cujos olhos se marejavam de lágrimas de vergonha e de raiva. Como se não lembraria, se entre eles caminhava seu pai, o xequer Assan Aaril, sustentado por dois moços da sua cabilda, vertendo sangue de inúmeras feridas, vasado um olho por uma bala de arcabuz, pendentes farrapos de sangue coagulado da órbita hedionda! E o rosto sereno de Sáfa contorcia-se numa expressão de raivar concentrado, e do olhar límpido irradiava uma flama de ódio!

Entrementes, durante o euláo contemplativo, a voz compassada do almoadem calara-se, o ruído ex-

terior decrescera e fundira-se numa quietação enorme, pesada como o bochorno da calma nos climas tropicais. Longo tempo se havia passado por certo, porque o ruído começara, crescendo pouco a pouco, espadanando pelas ruas tortuosas como uma poeirada de sons indistintos. Eram os muçulmanos que voltavam alegremente da mesquita, com a consciência preche de consolações, a alma cevada nas bênçãos de Alá.

Fatigada pela sua prolongada meditação, abafando na atmosfera do aposento cerrado, Sáfa ia descer ao pátio interior da casa, onde esperava encontrar seu pai. Mas uma porta se abriu de repente, por detrás dela, e o Meleúde assomou ao limiar, fitando-a num gesto de roubada alegria.

— Graças sejam dadas ao Onnipotente, que deu ouvidos ás minhas deprecações! exclamou ele, erguendo as mãos. Sáfa, o xequer Assan Baril permitiu-me que eu viesse

junto da sua filha advogar a causa do meu coração. Eis-me, ó flôr da cidade das Oliveiras! Eis-me em frente de ti, suplicante e alvorado, como Maomet perante o anjo Namuz, mensageiro de Alá! De sobrejo tens repellido as minhas súplicas de amor. Volve agora para mim olhos benignos, e deixa que eu esgote nessas taças diamantinas o Zendjevil que o Senhor reserva aos sens eleitos! Sê minha, Sáfa, minha odalisca bem amada, o resplendor único do meu harém, perfume da minha alma, antegóse do Paraíso na terra!

Sáfa não respondia ás implorações ardentes. Virada para a janela, o seu olhar vago espraivava-se ainda pelo horizonte embebido em sol. O sangue acudira-lhe ás faces cor de alabastro e um vinco lhe sulcava a testa límpida.

Meleúde aproximou-se timidamente, e pegou-lhe na mão que ela deixava pender ao longo do corpo.

— Não me respondes? prosseguiu ele em voz submissa, quasi cortada de soluços. Ignoras que te espera um futuro radiante de amor e de felicidade? Sou rico, pertengo a nobre linhagem da Rerquia, meu pai é o xequer da cabilda de Uledefaraz. Bem sabes tudo isso. Sabes que além, para as partes do Atlas, nos extremos da Ducala, possuo cava-

los fogosos, manadas que desbastam em poucos dias léguas de pastagens tufoas, alfeires que abasteceriam de lã toda a mazagania do Xerife. O nosso casamento será uma festa que não tenha inveja à festa do Ramajan em Marrocos. O alfaraz que cavalgares será negro luzidio como o teu cabelo que na minha alma se enleia. Cobrir-te-há um docel de púrpura, e os côros que te adormentarem em sonhos de ventura serão harmoniosos como as vozes dos sarafins, que cercam o trono de Alá. Atende ás minhas súplicas, Sáfa, nunca te arrependirás de ser minha, ó maravilha de formosura, deleite dos meus olhos, enlévo do meu ser!

E alucinado, o mancebo esbraseou ao contacto dos seus lábios a mão branca e perfumada da virgem.

Ela, porém, arrancou-a de súbito á pressão apaixonada. Tódia vibrante de comção, amarfanhou entre os dedos nervosos o albornoz de Meleúde; e, puxando-o impetuosamente para junto da janela, apon-tou com a outra mão a fortaleza longinqua, que embalava no seu bérço de espuma aligente a canção melancólica das vagas.

— Ali, murmurou Sáfa com voz concentrada e levemente sinistra, ali folgiam em doce paz os perros

seguidores de Hazreti, os vencedores dos filhos de Omar, os que roubaram a meu pai a luz de um dos olhos, os que lhe atormentaram a velhice e quicã lhe minguraram a existência. E falas-me tu de amor, mussulmano? Sedenta estou, mas só de vingança. Quero ter entre estas mãos a cabeça de um desses malditos, do mais audaz entre os cavaleiros da cruz, cuspir-lhe nas faces desmaiadas, entenebrecer-lhe ainda mais os olhos inanes. Esse é o dote que eu espero do noivo eleito da minha alma, ouviste, filho da Derquia?

Cravava em Meleúde a vista penetrante como um punhal. As tranças haviam-se-lhe soltado de todo, e similhavam serpentes negras sibilando ameaças, ondulado sobre o haïque dourado.

O mouro escutava-a absorto. Baixou a cabeça como fulminado por aquele olhar relampejante. Passado um momento rápido de indecisão, fitou arrebatado o semblante encantador de Sáfa, e exclamou com voz forte e resolva:

— Terás o teu dote, Sáfa, por Alá t'ó juro!

Precipitadamente, saiu do aposento. Os lábios purpurinos da filha de Assan Baril franziram-se num sorriso de esperança.

(Continua)

Biblioteca

Registamos com agrado o facto e a realidade de «O Recreio Pedroguense», já possuir uma Biblioteca. Modesta ainda, tanto em qualidade como em quantidade, constitui já um grande benefício para todos os associados, o que mesmo é dizer-se para o público em geral.

Um bom livro é um grande amigo, um guia, um segundo mestre; a boa leitura fortalece o espírito, instrui, desenvolve a imaginação e a inteligência, criando novas perspectivas mais belos e amplos horizontes. Honra ao «Recreio Pedroguense.»

Produzir e poupar

Já não é nova esta fórmula, pois parece que já os gregos a proclamaram outrora nos tempos da velha Grécia. A expressão não perde por isso o valor, antes pelo contrário, de mais a mais, vinda dos gregos. O que importa, porém, é que os agricultores a não olhem nos cartazes apenas como um dístico decorativo; é necessário que a ideia de produzir e poupar nos empregue a todos mais profundamente, que a realizemos, que nos compenetrems de dor de misérias e desgraças que vai por esse mundo fora, que nos lembremos do que é a fome.

Há ainda muitos terrenos incultos que podiam ser aproveitados. Não esqueçamos a campanha tão ardentemente iniciada pelo Ministério da Economia.

Praia do Vau

Aproxima-se a estação calma e a bela praia do Vau, que o Zêzere banha, para regalo e gosto dos seus veraneantes, será certamente, mais uma vez, ponto de concorrência de inúmeras pessoas e famílias, vindas das mais diversas bandas.

Pena é que não se arborizem melhor ali as margens do Zêzere e que em vez de algumas dezenas de barracas improvisadas e rudimentares, não haja melhores condições de instalação e comodidade.

Mesmo assim, o Vau oferece no Estio um aspecto pitoresco e digno de nota, sendo muitas as suas possibilidades de se desenvolver e tornar uma boa praia.

**D**EPOIS de alguns momentos de convívio com o formoso espírito do dr. João Tendeiro que, por sinal só conhecia mos através dos seu escritos, ficou determinado criar se em «A Regeneração» de Figueiró dos Vinhos, sede da nossa Comarca, uma página inteiramente dedicada a Pedrógão Grande.

Tal iniciativa conta com a aquiescência do sr. José Pires Coelho David, Presidente da Câmara, sendo nosso intuito ventilar e pôr em foco problemas relacionados com a nossa terra, com o seu Progresso, com a melhoria das suas condições de vida. Na impossibilidade momentânea de criarmos um jornal nosso, utilizamos este meio para o fim que nos propomos. A nossa página será portanto, predominantemente regionalista não obstando isso a que os mais diversos assuntos nela encontrem guarida.

E' já um lugar comum falar-se na força da Imprensa, na influência que ela exerce nos espíritos, na orientação que ela poderá imprimir à actividade dos homens e dos povos. Ela é a alavanca de que necessitaria Arquimedes para levantar o mundo, se acaso tivesse um ponto fixo.

Todavia, as páginas desses jornais, que tantos abrem enfastiados e indiferente, bocejando à mesa dos cafés, representam, muitas vezes, grande soma de esforços e canceira, quando não motivo de sérias contrariedades e de malquerenças escusadas. Porém, o desejo de sermos úteis, de fazermos propaganda deste belo rincão do nosso Portugal, faz-nos esquecer todos os contratempos ou mal entendidos que porventura possam advir.

Pedrógão Grande vai ter assim através de «A Regeneração» o seu porta voz; faremos eco das suas belezas, das suas paisagens, dos seus atractivos e também das suas aspirações, das suas necessidades mais instantes. Muito haverá a dizer e cremos nós que, tornando, por este modo, mais conhecida a terra onde vivemos, contribuímos indirectamente para o seu desenvolvimento, para o seu Progresso e Futuro.

Oxalá que o nosso esforço seja compreendido e que os interessados nos dêem, quando mais não seja, o seu apoio moral.

O PROBLEMA DO MILHO

E' sabido ser Pedrógão Grande um concelho que vive quasi exclusivamente da sua agricultura, pois a sua industria é, pode dizer-se, nula.

O pão é o alimento base do nosso povo, pelo que o milho produzido devia chegar para abastecer a população, evitando-se a todo custo mercantilismos egoistas.

Todavia, o milho ou desapareceu ou não aparece ou pessoas pouco escrupulosas esperam a ocasião de fazer altos negócios, vendendo-o pelos melhores preços, explorando a pobreza e a miséria dos que, dia a dia com uma enxada nas mãos, vertem o seu suor ingloriamente na luta dura com a vida e com a Terra. Não está certo.

Pena foi que as providências tomadas já não fôsem a tempo de evitar muitos abusos que consideramos autênticos crimes.

Graças a porfiadas deligências do sr. Presidente da Câmara foi adquirido ultimamente mais um vagão deste precioso género para ser racionado pela população necessitada.

Aniversário do Recreio Pedroguense

Esta simpática e progressiva colectividade a qual, com o maior zelo e carinho, preside o ex.º sr. António Tomaz David, comemora brevemente mais um aniversário. Por se tratar dum acontecimento a todos os títulos interessante, transcrevemos o programa de Festas que é o seguinte:

Dia 16 (às 15 horas) — Corrida de ciclismo Pedrógão-Castanheira-Pedrógão para disputa da Taça «Américo Barreto.»

Corrida pedestre de sacos — Luta de tracção — Prova ciclista negativa e Ginkana.

Na sede — às 22 horas — Récita pelo grupo cénico e musical da colectividade.

Dias 17 e 18 — Início do Campeonato de Bilhar.

Dia 19 — Torneio relâmpago de Ping Pong.

Dias 20 e 21 — Torneio de Tiro ao Alvo.

Dia 22 — Jantar de confraternização.

Dia 23 — No Campo de Jogos — Desafio de Futebol.

Na sede — Sessão solene — Inauguração da Biblioteca da colectividade, Conferência subordinada ao título «Uma Visão da Pré História» pelo visio, sr. Eduardo Garrido Roldão.

Distribuição de prémios.

Noticias Pessoais

Cumprimentámos nesta vila, o nosso amigo sr. Alberto Tomaz Barreto, sócio da importante firma Barreto e Gonçalves, na rua Eugénio dos Santos, em Lisboa. O sr. Alberto Barreto, que veio acompanhado dum mestre de obras, tenciona efectuar diversos melhoramentos numa vivenda que há pouco aqui adquiriu.

De visita a sua família encontra-se nesta vila o sr. António Antunes, digno funcionário em Lisboa, acompanhado de sua esposa D. Constância Lourenço Mateus e filha, a interessante menina Anita Graçiosa.

Por motivo de se encontrar doente o sr. Epifanio David Martins Júnior, ensaiador do grupo cénico e um dos mais representativos elementos do Recreio Pedroguense, serão adiadas as festas comemorativas do aniversário desta colectividade.

Ilusão

*Passam núvens pelo céu tão nevoento,  
O tempo corre, voa e se fenece;  
A rosa murcha, cai, desaparece,  
E tuas passa, tomoa num momento.*

*Fôlhas passam levadas pelo vento  
Que lá longe se some e desfalece;  
A vida foge, extingue-se, perece;  
Só aos mortais não passa o sofrimento.*

*A uns negra miséria atormenta,  
Oprime deshumana, cruel Dor;  
A outros tantos leva a ambição*

*Por isso se debatem com ardor,  
Se encarnizam em luta violenta  
De sonhos, de quimeras e... ilusão.*

Eduardo Garrido

Encontra-se já completamente restabelecido o nosso amigo e conhecido desportista António Coelho Marques que há dias num desastre de bicicleta ficara bastante maltratado.

A grandeza de Antero

O último número de «A Regeneração» transcreveu de «O Primeiro de Janeiro» algumas considerações sobre Antero de Quental. Concordamos inteiramente pois a figura de Antero é daquelas que se elevam a um tal cume que não é possível atingi-lo facilmente. Ofusca como o brilho do sol, deslumbra como o curso misterioso das estrelas, e lá nas eminências onde paira, irmana-se com profundeza dos céus, com a imensidade dos espaços infinitos.

Antero foi uma das mais opulentas cerebrações que nasceu, viveu, transitou por sobre a bela Terra Portuguesa. Até hoje não foi ainda realmente possível, apesar do muito que sobre Ele se tem escrito, comprimi-lo nas páginas dum livro, dum revista, dum jornal porque a personalidade do Poeta, do Pensador, do Homem transpõe tudo isso sempre avante, sobranceira e dominadora, como a grande altitude de certas montanhas cuja sombra o sol jamais consegue extinguir de vez.

Pedrógão Grande Lendário

(Adaptação da narrativa de M. L. Andrada)

A corte de El-rei Arunce e os Petróneos

Segundo a lenda, quando a velha Hespéria passou a chamar-se Espanha, existiu outrora, na Lusitânia e numa cidade chamada Conimbriga, uma corte faustosa e rica com numerosos vassallos, fieis e respeitadores subditos do poderoso e temido rei Arunce.

Possuía este monarca uma filha de nome Peralta, dotada de rara formosura, sempre rodeada de aias e altas damas a quem os cavaleiros constantemente rendiam preito e homenagem. Era a Princesa a única herdeira de suas enormes riquezas, razão porque no palácio se celebraram amiude grandiosas festas e saraus aonde acorriam príncipes e embaixadores de toda a Espanha

que disputavam a mão de Peralta e também trovadores e menestres vindos de diversas regiões.

Entre os muitos pretendentes contava-se o esforçado Zacor, tão valente e destemido como soberbo e ambicioso, razão porque Peralta o detestava e de maneira alguma o pretendia para seu marido e senhor. Aspiravam ainda ao almejado tálamo Sertório, os Petróneos e muitos outros poderosos senhores, entre os quais Escalor, cavaleiro privado de El-Rei Arunce, a quem conquistava as suas graças.

Figurava, porém, no séquito de Princesa Peralta, onde fulgia como estrela de primeira grandeza, uma dama chamada Iris, tão bela e tão

sedutora que causava pasmo às gentes, reunindo todos os predicados e todos os encantos capazes de elouquecerem e arrebatarem até um santo.

Escalor sentiu atear-se-lhe na alma um fogo intenso em cujas labaredas só pretendia ver envolvida a bela Iris. Esta altiva, zombava a a cada momento do mancebo, ostentando mesmo uma frieza que Escalor estava muito longe de esperar. Mas, como as mulheres são mestras na arte de dissimular e muitas vezes fingem repudiar aquilo que no intimo desejam, não perdeu Escalor de todo as esperanças.

Porém, Iris, que se dizia descendente de reis e se julgava digna de emparceirar com Peralta tanto na formosura como na linhagem, não considerava Escalor à altura de seus méritos.

Por outro lado, el-rei Arunce ia recebendo propostas de casamento

para sua filha, mas, amigavelmente os conformava até que se lhe depa-rasse um partido verdadeiramente vantajoso. Parecia também ter captivado a simpatia de Peralta um dos mais nobres Petróneos, que eram dos principais senhores da Península.

As damas deleitavam-se com estas galantarias e delas faziam seu pas-satempo favorito.

Também Zacor não desistia de seus intentos e como era resoluto e soberbo, vendo que perdia terreno, fazia ousadas declarações à Princesa, nas quais transparecia o seu carácter altivo, arrogante e indomável. Contudo, se as damas desses tempos adoravam a valentia, o ar-rôjo e o heroísmo, também não podiam deixar de apreciar as blandícias dum amante terno, meigo, que se soubesse curvar submisso ante os encantos da mulher amada. Além de tudo isto, para que havia

ainda mais um pretendente, o famoso capitão e chefe dos Lusitanos, Sertório.

Foragido de Roma às perseguições de Sila, acampara em Evora onde com os indómitos lusitanos sustentara rijas pelejas contra os romanos, alcançando muitas e brilhantes vitórias. Dilatara os seus domínios até estas regiões e a fama dos seus feitos retumbara por toda a Lusitânia repercutindo-se a cada passo nos recôncavos profundos que abundam ao longo do Zêzere. Assim como este rio corre sussurrante e faz ecoar seu estrépito pelos montes abruptos do Cabril, assim a fama do guerreiro Sertório corria de toca em toca e se cantava em toda a parte porque ele era o terror das legiões romanas.

Sertório, ouvindo falar dos encantos da Princesa, veio secretamente à corte e logo pretendeu res-quesitá-la. (Continua)

Conversa amena

(Continuação da 6.ª página)

de encaixar num conceito já feito, que torna em pó todas as veleidades de purismo formal.

Lembro o caso dos belíssimos versos de *Les fleurs du mal* — um dos monumentos lapidários da poesia universal e que vive primordialmente pela beleza formal — que Baudelaire escreveu primeiro em prosa. E, para provar o que afirmo, estou pronto a lançar-lhe um reptó: mande-me quaisquer versos errados ou sem preocupações métricas, e eu prometo-lhe — eu que não sou mais do que um leitor da poesia clássica e um modesto obreiro da modernista — remeter-lhos numa forma se não digo magistral, pelo menos aceitável. E penso que o mesmo conseguirá V. ou qualquer outra pessoa costumada a ver-sejar por péso-e-medida, e que saiba ler poemas.

Voltemos ao Plástico:

Como V. muito bem salienta, o plástico é aquilo que pode receber diversas formas. Cada pintor pode conceber sob diversas formas e ter a sua técnica. Mas existe qualquer ponto de contacto entre este facto e a revolução estética profundíssima trazida pelos super-realistas, dadaístas, cubistas, abstracionistas, etc, que vão além da simples forma para remexerem a própria essência concepcional da criação artística? Creio que não. E, demais, se nas artes académicas não há motivo para se ter de "compreender", um quadro ou uma escultura, nalgumas destas correntes modernistas a emoção não se dá a título do trabalho não der um vislumbre de compreensão?

Não procure G. M. explicar a contração que reconhece em si. Aceite-a como um facto inevitável, motivado por uma psicologia especial.

Antes de terminar, quero preveni-lo contra certos excessos de expressão: não torne, por exemplo, a repetir que *toda* a gente que tem visto os meus (seus) desenhos é unânime em afirmar que os compreendem, — para isso teria de ouvir todos quantos viram os publicados em *A Cidade dos Rapazes*.

Cordiais saudações do  
João Tendeiro

Cobrança

Vamos lançar uma nova cobrança. Pedimos a todos os nossos assinantes o favor de satisfazerem as assinaturas apresentadas, pois a sua devolução representará para nós um prejuízo sensível.

Sezinando C. Loja

Pedi a sua demissão de enfermeiro do Hospital da nossa Misericórdia o nosso assinante e particular amigo sr. Sezinando C. Loja, funcionário que cerca de dois anos ali exerceu a sua missão com zelo e competência.

Fogão

Vende-se um fogão de fogo circular para lenha ou carvão de 0,90 x 0,50, pés altos, em estado de novo, com caldeira de cobre e estufa, etc.

Informa esta Redacção.

VILA FACAIÁ

Semear e produzir

Ultimaram-se as sementeiras do milho e batata neste importante rincão.

E os campos verdejantes salpicados de polícromas flores campestres estão, agora, cobertos de manto negro, de luto, mas que graças à natureza criadora seiva vivificante se transmudará, em breve, em retalhos de verdura frutificante que emprestará à paisagem um motivo de impressionante beleza que empolga o espírito mais avesso a contemplações campestres.

Aqui e além os centeais e trigo ondulado ao sabor da brisa da tarde, um conjunto de variadas formas poligonais duma irregularidade imprecisa, — contrastam simplesmente com o tom escuro dos pinheiros que se espreguiçam atrevidamente até à base das encostas — projectando a sua sombra sobre os olivais enramalhados de flores brancas, odorosas e prometedoras.

Margiando os extremos dos terrenos, amanhados, ora rectos, ora sinuosos ou em curvas alongadas, — renques de videiras, de talos viçosos e prometedores — talham como uma certa perfeição e encanto a configuração dos terrenos, formando um conjunto de rara beleza, típica da nossa região, — que prende o agricultor nestas tardes longas de sol transparente da Primavera.

E por toda a parte nós vemos a mão do homem a suprir deficiências da Natureza.

A sementeira é uma manifestação de vida.

E nos campos há vida intensiva — no trabalho que desloca e amanha a terra e na seiva que se desentranha em óptimos frutos tão preciosos na hora de privações que atravessamos.

Bem hajam, pois, os que se compenetraram de que para produzir — é preciso primeiro semear.

Sulfato de cobre

Lavra grande satisfação entre os agricultores, pela forma criteriosa como o Grémio da Lavoura tem orientado a distribuição do sulfato — nas sedes das freguesias.

Visitas

Acompanhado de sua ex-ma Eposa já retirou para Lisboa o sr. dr. José Coelho da Fonseca distinto chefe da Repartição do Orçamento da C. M. de Lisboa.

— De visita a sua família também esteve entre nós, com curta demora, o sr. José Nunes Marques, sócio da importante firma Nunes de Carvalho — de Lisboa.

— Já retiraram para Lisboa os srs. Tenente Joaquim D. de Paiva e ex-ma Família.

— Também retiraram para Lisboa — a fim de retomar os seus estudos — os meninos Anibal e Juvenal Tainha Lopes da Conceição.

Vasilha

Vende-se toda em carvalho, estado nova — 72 almudes. Trata-se: Café Cardoso, Figueiró dos Vinhos.

Vende-se

Uma carga de molas em bom estado. Quem pretender dirija-se a esta redacção.

GRÉMIO DA LAVOURA



F. Vinhos, C. Pera - P. Grande  
SÉDE  
FIGUEIRO DOS VINHOS

Sulfato de cobre

Está a proceder-se à 3.ª distribuição de sulfato de cobre para tratamento das vinhas na sede de todas as freguesias que compõem a área de acção deste Grémio da Lavoura.

Não obstante a Junta Nacional do Vinho ter iniciado em Julho do ano findo, as diligências necessárias para o completo abastecimento da viticultura em sulfato de cobre, e nelas ter empregado todos os esforços e boa vontade possíveis, circunstâncias com decisiva influência na obtenção de sulfato de cobre — ou sejam as decorrentes da actual situação internacional — impõem o dever, na previsão duma distribuição irregular do produto, de acantelar a viticultura contra as consequências dês facto, avisando-a de que deve economizar ao máximo o sulfato que lhe for distribuído e, principalmente, precaver-se das possíveis deficiências das distribuições futuras.

De facto, embora aquele organismo tenha firmado contratos de importação de sulfato de cobre, cujas quantidades, juntamente com as que se encontram em curso de fabrico pela indústria nacional, são suficientes para plena satisfação das necessidades da viticultura, torna-se necessário a prevenção a traz feita, no sentido de se evitarem excessos de optimismo e exageradas confianças numa distribuição que, na verdade, se encontra ainda sujeita a contingências de várias ordens.

Aos vinicultores

Tendo chegado ao conhecimento deste Grémio da Lavoura que em algumas freguesias, principalmente nas de Aguda e Graça, se tem verificado que alguns vinicultores, exagerando ou falseando os respectivos manifestos de produção de vinho, foram contemplados com quantidades de sulfato de cobre que em muito excedem o que normalmente devia corresponder às suas necessidades, chama-se a atenção de todos os vinicultores para que, no seu próprio interesse, informem devidamente o Grémio dos casos de que tiverem conhecimento, para se reprimirem tais abusos como merecem.

GELO

VENDE-SE qualquer quantidade na Misericórdia de Castanheira de Pera

EDITAL

António da Silva Neto, Provedor da Misericórdia e Hospital de Figueiró dos Vinhos:

Faz público que, no próximo dia seis de Junho do corrente ano, pelas doze horas, à porta da Sala das Reunidas da Mesa desta Misericórdia, à Rua do Carmo, nesta vila de Figueiró dos Vinhos, se procederá à venda, em hasta pública, do edificio e terrenos anexos pertencentes a esta Misericórdia e sitos ao Barreiro, nesta mesma vila, nas condições seguintes:

1.º — A venda realizar-se-há em hasta pública, por licitação verbal e em dia que será anunciado por editais afixados e publicados nos jornais locais e com, pelo menos, de vinte dias de antecedência, conforme preceitua o parágrafo primeiro do artigo trezentos e cinquenta e oito do código administrativo.

2.º — Os licitantes não poderão oferecer lances inferiores a mil escudos.

3.º — A base de licitação será de CEM MIL ESCUDOS.

4.º — Todas as despesas de escritura, siza e tudo o mais que se relacionar com a aquisição do referido imóvel, serão de conta do comprador.

5.º — Finda a praça o licitante a quem for entregue a venda terá que imediatamente entrar nos cofres desta Misericórdia com dez por cento do valor da compra, e o restante, no acto da escritura, a qual terá que ser lavrada no mais curto espaço de tempo.

6.º — O imóvel será entregue ao licitante que maior oferta fizer, reservando-se a Mesa desta Misericórdia o direito de fazer ou não a entrega, tendo em consideração os superiores interesses desta mesma Misericórdia.

7.º — Todos os casos omissos, nestas condições, serão resolvidos pela legislação em vigor aplicável.

Para constar se lavrou o presente e outros de teor, que vão ser afixados nos lugares mais públicos do costume.

Figueiró dos Vinhos, 6 de Maio de 1943.

O Provedor,  
António da Silva Neto

PENSÃO COMERCIAL

Mesa esplêndida :- Quartos muito higiénicos

Quarto de banho com água fria e quente

Figueiró dos Vinhos - Telefone 9

Vende-se

Camionete «Bedford» 4.800 quilogramas de carga, com licenças de aluguer, com 480 litros de gasolina mensalmente e regularmente calçada. Quilometragem andada 55.000 km.

Trata Manuel Henriques — Vila Facaia, 64

Serviço permanente

EM

Automóvel de aluguer

Telefone 6

Alfredo David Campos  
Café Central

Figueiró dos Vinhos

Anuncio

TRIBUNAL DA COMARCA DE FIGUEIRO DOS VINHOS

1.ª Publicação

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos

e 1.ª secção, pende uma acção de curadoria definitiva dos bens do ausente José Freire, solteiro, maior, e em que é requerente o seu irmão Abilio Freire, casado, proprietário, morador no lugar do Casal do Pedro, freguesia de Aguda, desta comarca, e nos mesmos autos correm éditos, respectivamente de 6 meses e de 60 dias, citando o referido ausente José Freire e interessados incertos, sendo estes últimos para contestarem, querendo, a dita acção no prazo de vinte dias,

Casa Arrenda-se nesta vila, à Fonte das Freiras, um bom res-do-chão com instalação electrica. Trata Carlos Lacerda.

após a referida dilação de sessenta dias, a contar da segunda e última publicação deste anuncio.

Figueiró dos Vinhos, 13 de Maio de 1943.

O chefe da 1.ª secção

Jaiue Ribeiro Sucena

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Themuda Macado

O Jornal «A Regeneração» n.º 585 de 22 de Maio de 1943

**c a r t a z**  
secção de publicidade

O anúncio é a maneira mais económica e eficaz de firmar os negócios — (Sir Charles Higham)

**Gustavo Coelho Godet**  
MODAS, FAZENDAS BRANCAS, MALHAS E MIUDEZAS  
ESPECIALIDADE EM PANOS BRANCOS,  
FAZENDAS DE LÃ E ALGODÃO  
Completo sortido para enxovais de casamento; chales,  
lenços de seda e de lã  
ARTIGOS PARA BORDAR; ALGODÃO E LÃS EM FIO  
Meias, camisas, chapéus e bonés; sempre novidades  
**Preços fixos sem competência**  
**Figueiró dos Vinhos**

**Joaquim J. Fernandes**  
Medico Municipal  
Clínica geral  
Doenças das crianças  
Figueiró dos Vinhos

**Domingos Duarte**  
Médico  
Figueiró dos Vinhos

**J. Rodrigues de Oliveira**  
Doenças de Pulmões — Partos  
Clínica Geral  
— Consultório e residência: —  
Figueiró dos Vinhos

**João Leal da Silva Tendeiro**  
Médico Veterinário Municipal  
Clínica Geral  
Operações e Vacinações  
Figueiró dos Vinhos

**CONSULTORIO DENTARIO**  
**A. MARTINS NUNES**  
DOENÇAS DA BOCA E DENTES :- DENTES ARTIFICIAIS  
Consultas às Sextas-feiras e aos Sábados até ao meio dia  
Praça **JOSÉ MALHOA**  
**Figueiró dos Vinhos**  
Reabriu o seu consultório na primeira quarta-feira de Outubro  
Consultório em Coimbra na Rua Ferreira Borges, n.º 8

**A. Teixeira Forte**  
ADVOGADO  
Figueiró dos Vinhos

**Alvaro Amorim Pinto**  
Advogado  
Castanheira de Pêra  
Em PEDRÓGÃO GRANDE:  
tôdas as segundas-feiras

**J. M. Albuquerque Dias**  
ADVOGADO  
Figueiró dos Vinhos

**A. Teixeira Marques**  
ADVOGADO  
Telef. 18 — Castanheira de Pêra

**Manuel Simões Barreiros & Irmão, L.da**  
**Armazém de Lanifícios**  
**Figueiró dos Vinhos**

**LANIFICIOS**  
**J. Graçêra Abreu**  
**Figueiró dos Vinhos**

**Galeria de Lisboa**  
Exposição permanente de quadros a óleo de bons autores, aguarelas, gravuras antigas a côr e a preto, desenhos, litografias, estampas, mobílias, porcelanas, faianças e objectos de arte antiga e moderna  
**Aberta das 14 ás 19 horas**  
Largo de Arroios, 273, 1.º  
Telefone 46873 (Antigo Palácio do Conde da Guarda)  
**LISBOA**

**O Livro**  
Doze Anos de Administração Municipal, do dr. M. Simões Barreiros, vende-se no estabelecimento de **Mesquita & Irmãos, L.da**, Figueiró dos Vinhos. Remete-se à cobrança.

**Galeria Portugal, L.da**  
Exposição permanente de quadros, antiguidades e objectos de arte  
R. D. Pedro V, 66 e 68—LISBOA  
Tel. 2 7330

**Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa**  
**Escola de Corte Luc**  
RUA ADELINO VEIGA, 14-1.º  
Coimbra

**Filiais**—Braga, Coimbra, Covilhã, Faro e Porto.  
**Agências**—Abrantes, Estoril, Gouveia, Mangualde, S. João da Madeira, Santarém, Torres Novas, Torres Vedras, Tortozendo e Figueiró dos Vinhos  
Todas as operações bancárias

**Estabelecimento de materiais de construção**  
DE  
**Santos, Lopes & Prista, L.da**  
Praça José Malhõa ● Figueiró dos Vinhos  
Agentes da «Cerâmica Prista, L.da» e do cimento «Tejo»  
Loiças sanitárias, Azulejos, Mosaicos, Grês, Gêssc, Ferragens, Vidraça, Tintas, etc.  
Encarrega-se da instalação de casas de banho e de quaisquer trabalhos de construção

**Mesquita & Irmãos, L.da**  
Sapataria  
Papellaria  
Artigos de novidade  
A casa do género mais bem sortida do norte do Distrito  
**Figueiró dos Vinhos**

**Anibal Silveira Herdade Armazém de Ferro, Aço e Carvão**  
Figueiró dos Vinhos  
R. Dr. Martinho Simões

Agente e depositário dos produtos  
**Lusalite**  
Cimentos - Cal Hidráulica  
Representante das lampadas **Tunggram**  
24-20  
Comissões e Consignações  
**Ilisses António da Conceição Pombal** :- Telefone n.º 7  
Completo sortido de ferragem, ferramentas, tintas e louças  
**Materiais de construção**  
Artigos sanitários—Tubos de ferro grês e de fibro-cimento  
Agente-depositário de

**Vendem-se** três engenhos de tirar água (tracção animal)—Dirigir-se a José Gonçalves Ramos Júnior—Arega.  
33  
Cimento LIZ—Produtos LUZALITE—CERAMICA DE TAVEIRO Cal hidráulica MACIEIRA 24 12  
**- Os melhores preços -**

## Boletim Bibliográfico

**Tufão**, poema de *Augusto dos Santos Abranches*. Coleção *Vértice*, série *Poesia*. Livraria e Papelaria *Portugália*. Coimbra—1943.

**As várias faces**, de *Augusto dos Santos Abranches*. Coleção *Vértice*, série *Teatro*, idem.

A sensação de impossibilidade criadora pode gerar uma dose de pessimismo que só se esvai aceitando lealmente aquela e pondo-a a nu em todos os seus pormenores, — isto é, tornando possível, por um método indirecto e sub-consciente, a obra de arte que se supunha gorada. Em poesia, este estado negativo é tanto mais freqüente e resolve-se com tanta maior facilidade quanto maior dose de espírito emotivo traduzível em expressão literária houver da parte do poeta ou, por outras palavras, sempre que se possa colmatar, por um processo por assim dizer tangente à realidade fugidia, a impossibilidade intelectual com a emoção poética. E' mesmo em virtude deste verdadeiro abandono às reacções advindas do choque construtivo inicial que se tornam possíveis as obras poéticas que provêm e se dirigem do e ao sub-consciente — e que pretendem impressionar, e não originar um conceito intelectual.

E' por um processo semelhante que *Augusto dos Santos Abranches* escreve a primeira parte (*Prenúncio*) do livro *Tufão*. Depois de tentar

«um poema tão simples e belo que até a própria vida nos seus versos havia de transbordar mais alegre e festiva»

o ambiente, em presagios de tempestade social eminente, torce pouco a pouco a intenção inicial até a tornar em

«um poema de guerra todo êle sofrimento e sangue de verter»

«Oh, mas bem neve o frio bate frio, cola-se às árvores feito espantinho! Quem irá salvar o barco no rio?»

Na segunda parte (*Tufão*), o cataclismo subverte cidades, aldeias, homens, animais:

«Se a aldeia não está — para onde terão ido as casas? Se a rua desapareceu — para onde terão ido os telhados? Se nem um rumor de vida anda bulindo — para onde terá ido a gente? Oh, e nem um leve ouvir de palavras... — Que desgraças te andam ferindo, terra?»

E, finalmente, a calma volta às ruínas, simbolizada por um automóvel que passa veloz pela estrada sem sombras nem árvores que marquem, sequer, as casas e vidas desaparecidas (*Bonança*).

Os quinze poemas cíclicos que constituem o livro *Tufão* seguem-se harmoniosamente uns aos outros sem que, contudo, dessa harmonia se colha a impressão prosaica do plano arbitrário. Pelo contrário, o conjunto global é perfeito, e convence.

Em *As várias faces*, curta peça de teatro de carácter metafísico, um velho, uma árvore e um anjo falam das diversas maneiras de encarar a verdade. Têm alguns conceitos filosóficos interessantes; mas afastam-se bastante das outras obras de *Augusto dos Santos Abranches*.

(Continua na 2.ª página)

## Gênese

Sosinho, à margem do caminho, um verme...  
Passam, repassam bandos pela estrada.  
E alguns vão vê-lo... ou antes: veem ver-me,  
Com um dó que dói como uma chicotada!

Passam, repassam bandos pela estrada...  
Levantam pó que desce a envolver-me.  
E outros, por alegrarem a jornada,  
Jogam à pela com minh'alma inerte.

Passam... E à margem do caminho, triste,  
Respiro o pó que ainda no ar persiste...  
Cai das estrélas o silêncio, o espanto.

Qualquer coisa de absurdo me sufoca...  
Maior do que eu, sobe-me a alma à boca.  
Não posso mais! Incho de angústia...! — E canto...

José Régio

## “A vida do campo é triste,”

Diziamos, há dias, caber aos romancistas a tarefa de desvendar o drama rural. Na verdade, estão a caminho de o fazer. Aíves Redol, em «Fanga», deu-nos um aspecto dêle; Afonso Ribeiro, no romance «Aldeia», apresenta como que o corte geológico das diversas camadas dum povoado de camponeses. Nesse microcosmos que é a aldeia, há todas as classes sociais. Desde o grande terratenente, o senhor da Quinta, espécie de barão feudal, até à desgraçada à porta de quem, de noite, os labregos vão bater — está lá tudo. A classe média dos proprietários rurais por direito hereditário; os arrivistas e novos-ricos, antigos alugados, que se alugam, por toda a vida, pelo casamento com viúvas velhas, possuidoras de muitos bens ao sol; os pequenos proprietários, que passam misérias, para terem um bocadinho de seu; os rendeiros, que vivem na angústia das rendas a pagar; os ganhões, que alugam os seus braços a todos; as senhoras comadres mexeriqueiras; as velhas proxenetas; as moças tafulas e trabalhadeiras; os rapazes aventureiros; o filho-família ocioso e marau; o barbeiro pronóstico: o sr. abade bom garfo; a mulher que endireita, com benzeduras, pés desmanchados — toda a fauna, em suma, do pequeno mundo que é a aldeia, perpassa e se agita, sofre e labuta, no romance de Afonso Ribeiro.

E' claro que essa humanidade primitiva se move [pelos seus instintos primários. Ela não é boa nem má; é, apenas, humana. Não humana num sentido que ultimamente se deu ao termo; mas no que lhe é próprio e imutável, de sujeito a todos os aitos e baixos da condição de homem; ao ódio como ao amor, à ambição como ao desinteresse, à vaidade como à modéstia, à violência como à doçura. Podem os sociólogos clamar contra a avidez, a «fome de terra» dos camponeses, sempre insaciáveis quando se trata de alargar o que já têm. Essa ambição é apenas o medo das privações, o pavor de não-ter, hipérfrosados, ampliados monstruosamente. Não será o crime simplesmente o medo de perder um bem que se julga possuir? A própria violência não será apenas medo da violência?

Sem teorizar, sem doutrinar, sem nos pregar sermões, Afonso Ribeiro apresenta os factos. Quem quiser que tire dêles a conclusão, E apresenta-os bem. Dá com nitidez o ambiente da aldeia, sem fazer regionalismo. A sua aldeia não é tal aldeia é, apenas, uma aldeia. Quasi não tem expressão geográfica. Apenas alguns camponeses falam do Porto, como duma cidade longínqua e misteriosa, e da Espanha ou do Brasil, como de países fantásticos. Também não tem história, e é difícil fixá-la no tempo. A acção decorre no século passado ou no actual? Pouco importa. E' certo que se fala na próxima construção duma fábrica de moagem que arruinará os moleiros; mas os meios de cultivar a terra são tão arcaicos, os costumes tão primitivos, que sem isso, poderia supôr-se que tudo se possa na Idade-Média.

(Do Primeiro de Janeiro)

## Errata

Por lapso, saiu, no nosso último número, sem nome de Autor o artigo *Cultura e Técnica*. Trata-se do nosso distinto colaborador e amigo *Augusto Brandão*, a quem pedimos desculpa.

## TRAGEDIA

*Manhã, para que vieste vestida de alegria com rosas no regaço e sorrisos de luz e as árvores carregadas do novidade?*

*A dor cerrou as pálpebras dos homens num sono desgraçado: — ninguém te vê, manhã!...*

*Só o poeta que tudo vê e sabe ouve gritar bem alto as promessas que trazes. Só o poeta sente o dia que anuncia...*

*E todos passam pela manhã clara num sono desgraçado... os olhos tocados do teu sorriso de luz e as mãos tam perto da árvore carregada de novidade sem poderem colher os frutos!...*

MANUEL DA FONSECA

## CONVERSA AMENA

### Comentário e uma resposta

Os que têm as invenções mais agradáveis, e as sabem exprimir com mais ornamento e suavidade, não deixariam de ser os melhores poetas, ainda que a arte poética lhes fosse desconhecida. (R. Descartes — DISCURSO DO METODO — 1637)

Prezado camarada Garcia Mar-tinho: Desculpe a familiaridade do título acima, que pressupõe da nossa parte uma prática amena, de camarada para camarada e de amigo para amigo, — mas tanto mais sintética quanto é certo que temo que, do mesmo modo que as 3 ou 4 linhas do meu mais que modesto comentário originaram os seus 9 compactos linguados, as que eu agora ocupe dêem, numa perfeita regra de três, outras tantas vezes nove linguados sobre 3 ou 4 linhas...

Podê, de facto, não haver paradoxo na contradição aparente de se ter vistas diferentes sobre Plástica e sobre Poética. E digo mesmo, em abôno da verdade, que, embora amando e sentindo a poesia modernista e as artes plásticas anti-académicas — a aquela de verdade e não como «uma abcecação fútil onde há o seu quê de ansia injustificada de revolução e snobismo» ou «indício perfeito e indiscutível de inadaptação... a essas regras do passado», a verdade é que tenho perdido mais tempo (mas ganhando em emoção) diante daquela formosíssima *Madonna* de Murillo que VV. ai tem no Museu Nacional de Arte Antiga do que daquele mal pintado *Avejão*, de António Pedro, de concepção mais que banal; e também conheço pintores mais ou menos modernistas que andam pelos leilões e casas de antiguidade à caça de quadros doutras eras. Continuo, portanto, a crer que não há, efectivamente, paradoxo...

Quanto às relações entre as artes poética e plástica penso que são muito mais evidentes e fáceis de admitir do que as limitações apostas no seu artigo deixem supor. Permita que, como ilustração do que acabo de opinar, me auto-transcreva:

«Quanto a mim, — escrevi em Janeiro de 1939 na secção literária da *Revista Transtágana*, a propósito do livro *Modern German Art*, de Peter Thoené (*Penguin Books*) — a pintura abstracta aproxima-se mais da poesia do que propriamente das artes picturais. Substituir um objecto ou uma cena material por uma série de figuras que nos deem — ou antes, que deram ao artista — repercussões intimistas idealizadas, requiere mais um sentido poético do que pictorial. Devido a este facto, um artista que estiver

senhor de tôdos os manejos técnicos da pintura, pode não ter a capacidade de se desdobrar numa representação emocional do que vê; um outro poderá não conhecer êsses segredos de arte nem ter o sentido das proporções clássicas, e ser um belo artista de esquematizações abstractas: basta possuir uma boa dose de sentido emocional e artístico.

Não podemos, portanto, apreciar qualquer quadro pintado assim abstractamente como o fazemos com outros, construídos segundo os métodos correntes, tanto se se trata das escolas clássicas como das simplificações subjectivas modernistas. Para o conseguirmos cabalmente, temos de tentar integrar-nos no próprio pensamento construtivo do artista, para, seguindo um caminho inverso, isto é, partindo, ao invéz do que êle fez, do abstracto para o material, obtermos a reconstituição da imagem inicial. Isto só raramente se consegue; um elemento indispensável e que nos fornece certas indicações — é o título do quadro — base fundamental de todos os nossos raciocínios subsequentes.

E' à poesia circunstancial e intuitiva que devemos, pois, ligar estas manifestações... «Penso que foi esta aproximação — que chega a uma identificação quasi absoluta entre a poesia e o aspecto gráfico de certos estados emotivos despertados por qualquer visão exterior —, que levou ao «Dimensionismo», ou seja a base da escola poética que quere conjugar os elementos poéticos com os pictóricos.»

Expostas estas ideias gerais sobre a relação entre a poesia e as belas artes das escolas mais avançadas, vejamos os argumentos de que V. tira conclusões:

A uniformidade da forma em poesia nunca foi absoluta: não existe entre a poesia dos Cancioneiros e a de Camões ou José Régio qualquer contacto formal, pois os endecassílabos só mais tarde apareceram; li-ga-se, do mesmo modo, a designação dos versos de 12 sílabas ao inovador que os concebeu. Há nê-les, decerto, o respeito pela métrica, mas adaptam-na às suas necessidades estéticas e ao seu cunho pessoal. E, depois, a métrica é um atributo de tal forma exterior à criação poética, um acessório tão fácil

(Continua na 4.ª página)